

Conflitos Contemporâneos: A Categoria Refugiado no Telejornalismo Brasileiro¹

Liege Scremin

Resumo:

Entender a complexidade da mobilidade humana, em pleno século XXI, faz-se necessário não apenas na agenda dos direitos humanos, mas nos meios de comunicação social. Baseado em uma análise de conteúdo qualitativa de cinco meses do Jornal Nacional e Jornal da Record, foi possível verificar que esses meios não tem o cuidado de diferenciar as variações existentes dentro das migrações, como os refugiados por exemplo, atualmente protagonistas de grandes conflitos. Para embasar teoricamente o estudo foram utilizadas as Teorias da Comunicação e a hipótese de *Agenda-Setting*, assim como a influência de agências internacionais na pauta da mídia nacional e as Representações Sociais de Serge Moscovici.

Palavras-chave: Refugiado; Imigração; Telejornalismo; Agenda-Setting; Representação Social;

Abstract:

Understanding the complexity of human mobility in the twenty-first century, it is necessary not only on the agenda of human rights, but in the media. Based on a qualitative content analysis of five months of the Jornal Nacional and Jornal da Record, we found that these media has care to differentiate the existing variations in migration as refugees for example, currently protagonists of major conflicts. To theoretically base the study used the Communication Theories and hypothesis Agenda -Setting, as well as the influence of international agencies in the national media agenda and the Social Representations of Serge Moscovici.

Keywords: Refugee; Immigration; Television Journalism; Agenda - Setting; Content analysis;

¹ Esse artigo é um recorte da tese de mestrado que leva o mesmo nome;

Introdução

As migrações internacionais são uma realidade social que tornaram-se a temática central de debates políticos, econômicos e sociais de governos e organizações internacionais e, conseqüentemente, da mídia nos últimos anos. Desde o atentado às Torres Gêmeas, em 11 de setembro de 2001, este assunto ganhou maior visibilidade contemporânea, e ainda divide opiniões entre a racionalidade e a emotividade dos países de acolhimento. Entender essa complexidade vai além dos direitos humanos, se faz fundamental também nos meios de comunicação social, uma vez que este último, como afirmam Maxwell McCombs e Donald Shaw, na obra *The Agenda-Setting function of Mass Media*, passa a ditar a pauta das conversas que acontecem entre cidadãos do mundo e, sobretudo, passam a definir o que é ou não pensado com relação aos assuntos em voga. Portanto, trata-se de um tema complexo que necessita ser inserido de forma prioritária no debate midiático, de forma coerente, respeitando e, principalmente, informando sobre as variações presentes nesse contexto.

Abordar a temática da exposição dos refugiados na imprensa brasileira, é uma pretensão, talvez utópica, de que um dia seja possível ter uma inserção social mais igualitária, proporcionando uma reflexão teórica e embasada para os futuros pesquisadores do tema.

Os migrantes e os refugiados são homens, mulheres e crianças que devem ser respeitados em virtude de sua dignidade enquanto pessoas, muito além do regime vigente ou do lugar onde residem. Seus direitos não derivam do fato de pertencerem a um Estado ou Nação, mas de sua condição de pessoa, cuja dignidade não se pode sofrer variações ao mudar de um país a outro (Bicudo, 2003).

A citação do autor Hélio Bicudo pode parecer óbvia, mas ainda assim as dúvidas que permeiam as migrações tornam-se evidentes perante o panorama mundial. Este estudo trata sobre um campo específico das migrações – os refugiados. Para tanto, é quase impossível referir-se aos mesmos sem encontrar pelo caminho os migrantes, os imigrantes, os asilados e os apátridas, que mais à frente serão devidamente especificados.

Apesar da globalização cada vez mais imponente, as migrações (entenda-se refugiados) não foram um assunto escolhido, mas imposto pela dura realidade de quem necessita buscar proteção em outro território que não o de sua origem ou residência

habitual. Segundo o ACNUR (2007), “as pessoas desalojadas à força por causa dos conflitos têm encontrado fronteiras fechadas, condições de grande hostilidade e insegurança no exílio, ou regressos apressados ou involuntários devido a medidas antiterroristas nos países de asilo”. A exposição que algumas notícias ganham na imprensa, podem tornar os fatores elencados acima ainda mais sinuosos. Thompson (2001, p. 135) afirma em “A Globalização da Comunicação” que “atividades envolvem algum grau de reciprocidade e interdependência, de modo a permitir que atividades locais situadas em diferentes partes do mundo sejam modeladas umas pelas outras”. Toma-se como exemplo aqui o atentado ocorrido no dia 13 de novembro, 10 meses após o ataque criminoso ao jornal satírico Charlie Hebdo, onde tiros e bombardeios enviados pelo Estado Islâmico aconteceram pelo menos em seis pontos de Paris, deixando 130 mortos, mais de 350 feridos, muitos em estado grave. Foram cerca de 89 mortos na casa de shows Bataclan e outras 40 próximo ao Stade de France, onde acontecia o amistoso entre a seleção de futebol da França e a da Alemanha, em bares e restaurantes.

Esse tipo de noticiário, se não especificado (de que, por exemplo, não são todos os islamitas que são terroristas), cria nas comunidades de acolhimento um estereótipo negativo do imigrante de tal nacionalidade. A velocidade atual de disseminação da informação gera uma fácil assimilação do que é sugerido pelos meios de comunicação, Wolf (1999, p. 8), citando Wright (1963, p. 203) sugere, baseado na teoria hipodérmica, que “cada indivíduo é um átomo isolado que reage isoladamente às ordens e às sugestões dos meios de comunicação de massa monopolizados”. Wolf ainda afirma que “se o alvo é atingido, a propaganda obtém o êxito que antecipadamente se estabeleceu”.

Segundo dados disponibilizados pelo ACNUR, em 2013, anunciou-se que os deslocamentos forçados afetavam 51,2 milhões de pessoas, o número mais alto desde a Segunda Guerra Mundial. No mesmo período, em 2014, a marca atingiu a casa de quase 60 milhões de pessoas (59,5 milhões), um aumento de 8,3 milhões de pessoas forçadas a fugir. Pelos graves conflitos ocorridos nos últimos anos, a média é de que 42.500 mil pessoas fossem obrigadas a abandonar suas casas diariamente. Cerca de 13,9 milhões de indivíduos tornaram-se novos deslocados em 2014. Entre eles, 11 milhões de deslocados dentro de seus países, um número nunca antes registrado, e 2,9 milhões de novos refugiados.

Das 59,5 milhões de pessoas deslocadas forçadamente até 31 de dezembro de 2014, 19,5 milhões eram refugiados (14,4 milhões sob mandato do ACNUR e 5,1 milhões registrados pela UNRWA²), 38,2 milhões de deslocados internos e 1,8 milhão de solicitantes de refúgio. Além disso, calcula-se que a apatridia tenha afetado pelo menos 10 milhões de pessoas em 2014, ainda que os dados dos governos e comunicados ao ACNUR se limitem a 3,5 milhões de apátridas em 77 países. A Síria é o país que gerou o maior número tanto de deslocados internos (7,6 milhões de pessoas) quanto de refugiados (3,8 milhões). Em seguida estão Afeganistão (2,5 milhões de refugiados) e Somália (1,1 milhão de refugiados). Os países e regiões em desenvolvimento acolhem 86% dos refugiados no mundo: 12,4 milhões de pessoas, o número mais alto em mais de duas décadas.

Vive-se um momento em que as políticas migratórias estão caracterizadas por políticas de controle. Em lugar de políticas populacionais, os Estados exercem melhor a função policial de proteger suas fronteiras e de controlar os fluxos migratórios, penalizando os migrantes irregulares (ACNUR, 2007, p. 21). À priori, nota-se com base no que foi recolhido que esse assunto está intimamente ligado a temas pejorativos, de violência, policial e com tons negativos.

Reconhecer a importância do Estado nas migrações internacionais não significa afirmar que ele é necessariamente o fator mais relevante na formação e na manutenção dos fluxos. As migrações internacionais não são causadas exclusiva ou principalmente pela ação do Estado. No entanto, ele, por meio de políticas de imigração e cidadania, é um importante fator explicativo no processo de formação dos fluxos e ajuda a moldar a forma que esses fluxos adquirem. (Reis, 2004, p.150)

Portanto neste trabalho tem-se como objetivo investigar de forma qualitativa a forma com que a imprensa brasileira expõe os refugiados nos telejornais diários e entender se as notícias veiculadas em território nacional são pautadas pelos meios de comunicação internacionais, com base nas Teorias da Comunicação e na hipótese de *Agenda-Setting*, que define a importância que a mídia tem ao sugerir o que os cidadãos devem pensar, sobre quais temas devem se preocupar, e consequentemente como devem se posicionar acerca dos elementos expostos.

² Agência das Nações Unidas de Assistência aos Refugiados da Palestina

O panorama das migrações atuais: números e conceitos

As migrações caracterizam-se pelo deslocamento de pessoas que podem ocorrer dentro do próprio país (o que é denominado migrações internas) ou de um país a outro (migrações internacionais). Elas também variam no formato, podendo acontecer de forma isolada ou coletiva. As razões para que elas aconteçam são variadas, podendo ser por desastres naturais, econômicas, condição de sobrevivência, violação dos direitos humanos, entre outros.

Os séculos XIX e XX foram marcados pelo deslocamento de milhões de pessoas que saíram da velha Europa, pobre e densamente povoada (ACNUR, 2007), em busca do sonho de uma vida melhor, para regiões menos habitadas e com escassez de mão-de-obra, como as Américas, por exemplo. As longas e perigosas viagens eram interpretadas de três diferentes formas pelas autoridades dos estados: 1) positiva e até incentivada, uma vez que geraria a diversidade cultural; 2) uma “válvula de escape”, que afugentava graves crises demográficas; 3) oportunidade de importar trabalhadores e povoar regiões desabitadas.

No Brasil, segundo dados do Censo Demográfico 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), existe hoje a presença de 286.468 imigrantes que vivem no país há pelo menos cinco anos e em residência fixa. O número foi 86,7% maior do que o encontrado pela pesquisa em 2000, quando foram registrados 143.644 imigrantes na mesma situação. Os principais países de origem foram os Estados Unidos (51.933), Japão, (41.417) Paraguai (24.666), Portugal (21.376) e Bolívia (15.753). Já as cidades que receberam juntas mais da metade dos imigrantes foram São Paulo, Paraná e Minas Gerais, seguidas de Rio de Janeiro e Goiás.

Ao longo dos últimos anos, houve um movimento crescente de grupos estrangeiros no Brasil, advindos tanto de países desenvolvidos quanto de países subdesenvolvidos. Segundo dados do Comitê Nacional para Refugiados (Conare) e do Ministério da Justiça, só entre os anos de 2010 e 2012, o número de pessoas pedindo refúgio para o Brasil triplicou. Segundo o geógrafo Rodolfo Alves Pena³, a tendência é que as imigrações atuais no Brasil continuem aumentando, sobretudo de populações

³ Em entrevista cedida ao portal Brasil Escola.

<http://brasilecola.uol.com.br/geografia/imigracoes-atuais-no-brasil.htm>

Acessado em 27.01.2016

advindas de países subdesenvolvidos ou com uma precária situação econômica, além de povos de regiões marcadas por grandes conflitos, com destaque para a Palestina.

Dados do Ministério da Justiça apontam que, em seis meses, a imigração cresceu 50%, em comparação com o total de entradas no final do ano de 2010, quando haviam 961 mil estrangeiros no país. Atualmente, o país conta com 1.847.274 imigrantes regulares, segundo estatísticas da Polícia Federal atualizadas em março de 2015. Conforme a classificação adotada pela instituição, esse total engloba 1.189.947 “permanentes”; 595.800 “temporários”; 45.404 “provisórios”; 11.230 “fronteiriços”; 4.842 “refugiados”; e 51 “asilados”.

Os imigrantes compõem, no Brasil, somente 0,9% da população. Em destinos tradicionais da imigração, como Estados Unidos, Canadá, Alemanha, Espanha e França, o percentual é da ordem de dois dígitos.

Método

As diferenças de cada categoria dentro das migrações

Os movimentos de descoberta e ocupação dos territórios ainda não desbravados resultaram da necessidade dos países de se reinventarem e se consolidarem, e com isso surgiram também os movimentos migratórios e a especificidade de cada um. Para compreender de forma adequada o objetivo desse artigo é importante deixar claro a diferença entre todos os termos utilizados, ressaltando que o objeto de estudo são os refugiados, descritos a seguir. Sendo assim, serão apontados os principais atores dos movimentos migratórios, e por se tratarem de conceitos muito específicos, reproduzidos na íntegra, pelo que é proposto pelo ACNUR:

1. Fluxos migratórios mistos: reúnem pessoas vítimas de deslocamento forçado e migrantes comuns, que compartilham as mesmas vias de acesso e as mesmas rotas.
2. Migrante internacional: é aquele que deixa o país de origem e ingressa em outro com o objetivo de nele estabelecer-se temporária ou permanentemente. Essa migração, quase sempre é motivada por questões econômicas ou sociais e nesse caso, a pessoa foge da pobreza e busca melhores oportunidade de trabalho e condição de vida.

3. Migrante em situação regular: são aqueles que detêm uma autorização válida e documentação para ingressar e permanecer no território de um Estado que não é o seu.
4. Migrante em situação irregular: são aqueles que não possuem a permissão para entrar e permanecer no país, conforme as leis migratórias nesse Estado, assim como aqueles que, entrando regularmente, permanecem além do tempo que lhes foi autorizado.
5. Asilados: aqueles que recebem asilo de uma nação por motivos de perseguição política, religiosa ou racial de sua origem.
6. Apátridas: são pessoas que nascem sem nacionalidade ou têm sua nacionalidade retirada pelo Estado, ficando, portanto, sem proteção de um Estado nacional.
7. Migração forçada: caracteriza-se pela necessidade que se impõe a indivíduos ou a grupos inteiros de deixar a localidade onde vivem por causas alheias à sua vontade. Novamente salienta-se que as causas para que isso ocorra são diversas como econômica, social, fome, desastres naturais e outros fatores relevantes que provocam crises ou situações em que o sistema de organização social não pode garantir o atendimento às necessidades indispensáveis de sobrevivência, com o mínimo de dignidade.
8. Deslocados internos: constituem um crescente grupo de vítimas do deslocamento forçado, fogem da violência ou perseguições, ou ainda de desastres naturais, mas que não chegam a cruzar uma fronteira nacional.
9. Refugiado: A conotação refugiado difere do deslocado interno, uma vez que atravessa uma fronteira política internacional, assim como não condiz com a nomenclatura de imigrante, pois existe enquanto figura jurídica apenas no momento em que é capaz de convencer as autoridades do país de destino da necessidade de proteção.

Os refugiados são uma categoria específica de migrantes forçados, ou seja, aqueles que não têm ou não podem contar com a proteção do seu Estado de origem e sofrem perseguições por raça, nacionalidade, religião, por pertencer a determinado grupo social, por suas opiniões políticas ou, ainda, incluído entre as vítimas de grave e generalizada violação de direitos humanos. Diferente dos refugiados, os demais imigrantes forçados tem a possibilidade de retorno a seus países e não

tem necessidade de garantia pétrea da não devolução (non-refoulement), como no refúgio, mas sua proteção é uma necessidade cada vez mais urgente, consubstanciando o direito ao socorro e à assistência humanitária. (ACNUR, 2007, p. 34)

Não só a proteção é uma necessidade, como a divulgação e inserção dessas pessoas no meio social, por isso a importância da comunicação.

A imprensa e sua influência no processo de deslocamento

De acordo com Gibney (2009), o que move as pessoas em seu deslocamento para outros países, e internamente em seu próprio local de nascimento, é a busca de mais e melhores oportunidades econômicas para si e para suas famílias. Ou, como acontece com os refugiados, para procurar um país em que se possa desfrutar de direitos básicos e de segurança.

Estas questões alimentam a dimensão da centralidade do trabalho e das novas tecnologias de comunicação nesse fenômeno, bem como exemplificam que a culturalidade contém elementos complexos, e em algumas vezes ilusórios.

Isto porque, o desenvolvimento e ampliação em escala global das novas tecnologias de comunicação ajudam a redimensionar no imaginário da sociedade a projeção de um espaço cibernético de convivência social. Neste sentido, as redes sociais bem como diversas tecnologias de comunicação constroem e reforçam uma possibilidade ilusória de ser possível viver, sonhar e construir uma vida digna nos países do desenvolvimento e do consumo. Nelas, os comentários e fotografias de amigos e parentes, cujos espaços-geográficos virtuais indicam total queda de barreiras, escondem as desigualdades de acesso à cidadania (Dadalto, 2012, p. 20)

Os contextos sociais podem ser definidos conforme as experiências vivenciadas pela interação e também pela comunicação entre as pessoas; esses aspectos são formulados conforme a convivência no dia a dia. Como o cotidiano é fundado por fatos e ações relacionadas à maneira em que se vive, esse processo é marcado por significados culturais, e este, por sua vez, é dado pelas representações sociais. Para Berger e Luckmann (2002), os conceitos realidade e conhecimento correspondem a anexos sociais específicos, que são essenciais para a afirmativa que apresenta o real como resultado de um processo de construção social.

A forma das pessoas se relacionarem entre si está intimamente ligada às representações sociais e o modo ao qual cada cultura faz uso, tanto da designação, como da relação e suas simbologias. Bartle (1961, p. 12 apud Moscovici, 2011, p. 99) afirma

que “quando uma forma de representação comum e já convencional está em uso antes que o signo seja introduzido, existe uma forte tendência para características particulares desaparecerem e para que todo o signo seja assimilado em uma forma mais familiar”.

Elas (as representações sociais) convencionalizam os objetos, pessoas ou conhecimentos que encontram. Elas lhes dão uma forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como um modelo de determinado tipo, distinto e partilhado por um grupo de pessoas. Todos os novos elementos se juntam a esse modelo e se sintetizam nele. Assim, nós passamos a afirmar que a Terra é redonda, associamos comunismo com a cor vermelha, inflação com o decréscimo do valor do dinheiro. Mesmo quando uma pessoa ou objeto não se adequam exatamente ao modelo, nós o forçamos a assumir determinada forma, entrar em determinada categoria, na realidade, a se tornar idêntico aos outros, sobre pena de não ser nem compreendido, nem decodificado (Moscovici, 2011, p. 34)

As representações sociais tornam-se responsáveis por articular tanto o sentido da vida coletiva de uma sociedade como o processo de constituição simbólica da mesma. Desta forma, os sujeitos tentam dar sentido ao mundo, entendê-lo e nele encontrar o seu lugar, por meio de uma identidade social e individual. Nesse processo, os aspectos do dia a dia também estão vinculados à subjetividade garantida por meio da situação, considerando que se manifestam em produtos da atividade humana e neles são apreendidas por meio da expressividade.

É fato que hoje os meios de comunicação trabalham, inclusive, com a “fabricação” de representações sociais, podendo criar estereótipos, estigmatizar certas comunidades e difundir informações conforme lhes parecer mais cômodo. Para Alexandre (2001), tal liberdade de representações com relação à realidade coloca questões de peso sobre os efeitos da globalização da tecnologia para os grupos sociais minoritários ou excluídos, assim como os imigrantes. “Diante desse quadro mundial (da indústria da Comunicação de Massa) a mídia tem pouco espaço para a verdade, pois depende das verbas publicitárias, que são manipuladas pelas grandes indústrias e conglomerados financeiros. De cada dez notícias veiculadas pela mídia, uma é positiva” (Alexandre, 2001).

A influência das agências no telejornalismo nacional e a *Agenda-Setting*

O sistema de comunicação transnacional conta com as agências de notícias, empresas de publicidade, programas de rádio e de televisão, filmes, revistas e quadrinhos, radiodifusão, radiofotos, "comics" internacionais, sendo a maioria originada

nos países desenvolvidos, que reforçam os que não estão no mesmo nível social a estimular aspirações como um todo para formas de organização social e estilos de desenvolvimento imitativo dos países capitalistas desenvolvidos. Desta forma, a população dos países de terceiro mundo, carente de desigualdades sociais, torna-se uma receptora passiva, sem julgamento crítico em relação à mensagem. Nestas condições, o público vai se convencer que o modelo transnacional de consumo e desenvolvimento é historicamente inevitável. “Assim, o sistema de comunicação cumpre a sua função principal: de penetrar culturalmente o homem subdesenvolvido para condicionar a aceitar os valores de uma estrutura de poder transnacional política, económica e cultural” (Somália, 1976, p.3).

Suaréz-Navaz (2008) distingue a comunicação como uma das principais dimensões presentes na abordagem teórica dos fenômenos transnacionais. Ao conteúdo das agências, é de relevância entender que, segundo Paterson (2006, p. 3), Boyd-Barrett & Rantanen (2002, p. 4) e Mattelart (1994, p. 28), a função elementar das mesmas é a importação e exportação de conteúdo jornalístico, especificamente aquele de origem internacional, além-fronteiras. O Brasil, porém, tem uma situação bem peculiar.

Grande parte dos países do mundo que dispõe de alguma agência nacional, elas têm uma de duas funções, ou ambas: ou servem para abastecer sua própria mídia nacional com cobertura internacional (Reuters, AFP, AP, EFE, ANSA, DPA nasceram assim) ou operam como “assessorias de imprensa” de seus governos para fora. O primeiro tipo é de input: exige manter uma vasta rede de correspondentes, o que tem alto custo operacional – por isso, só grandes empresas (sejam públicas ou privadas) conseguem manter. O segundo tipo é de output: mais barato e, em geral, mantido sob modelo estatal. Nós nunca tivemos nem uma coisa, nem outra (Aguiar, 2009, p.13).

Optou-se por expor a questão do transnacionalismo e das agências para pressupor a questão de que por conta de o Brasil carecer de agências de notícias com correspondentes brasileiros no exterior, tudo que o país recebe são matérias já formuladas com conteúdo estrangeiro, e não há, no próprio território nacional, o estímulo da produção local, contendo pautas referentes a imigrantes ou refugiados dentro da nação. Isso, como consequência, faz com que notícias internacionais (que tem uma demanda maior), providas de agências, sejam mais visíveis do que as nacionais, que requerem produção própria.

Um segundo levantamento a ser proposto é referente a hipótese do *Agenda-Setting* que, para Filho (1995, p. 169), significava que “as pessoas agendam seus assuntos e suas conversas em função do que a mídia veicula”. Onde para Maxwell McCombs e Donald Shaw, inspirados pelos estudos de Walter Lippmann, autor do livro *Public Opinion*, lançado em 1922, “depende-se dos meios de comunicação para se informar sobre os assuntos, personalidades e situações; para que possa-se experimentar sentimentos de apoio ou de repulsa e para conhecer aqueles pontos de atenção”. Partindo-se deste princípio e das questões levantadas anteriormente, é de se supor então, que graças à importação de notícias estrangeiras (pela falta de agências de notícias), a população brasileira tenha maior contato com os problemas da imigração e dos refugiados internacionais, do que dos nacionais, e como consequência, os assuntos de maior impacto e maior conhecimento da população são do exterior, e não o contrário.

Para Cohen “pode (a imprensa), na maior parte das vezes, não conseguir dizer às pessoas como pensar, tem, no entanto, uma capacidade espantosa para dizer aos seus próprios leitores sobre que temas devem pensar qualquer coisa” (apud Wolf, 2003: 45). Torna-se perceptível que existe uma grande capacidade em estabelecer uma agenda a partir de determinados interesses, podendo ser políticos, ideológicos ou econômicos, a partir da necessidade de expor o novo e o extraordinário, visando atrair o telespectador, como ressaltam Lippmann, Lang e Noelle Neumann.

A hipótese do *Agenda-Setting* não defende que os mass media pretendam persuadir [...]. Os mass media, descrevendo e precisando a realidade exterior, apresentam ao público uma lista daquilo sobre que é necessário ter uma opinião e discutir. O pressuposto fundamental do *Agenda-Setting* é que a compreensão que as pessoas têm de grande parte da realidade social lhes é fornecida, por empréstimo, pelos mass media (Shaw, 1979, p. 96 - 101).

Essa hipótese atua justamente entre os veículos jornalísticos e o interlocutor. O conceito é elaborado por meio dos assuntos que a mídia irá pautar. Na operacionalização das empresas jornalísticas, alguns temas são considerados de particular importância em um determinado momento, ou pautado pela imprensa internacional, o que faz com que um assunto se torne destaque perante o público, conforme a visibilidade na mídia. A hipótese de *Agenda-Setting* é uma consequência da concorrência entre as empresas e, ao mesmo tempo, da insuficiente estrutura operacional.

Considerando o que foi levantado a respeito do transnacionalismo e das agências noticiosas, chega-se à conclusão de que elas podem atribuir outros valores à população que recebe as informações, e sobre os significados dos acontecimentos como regras do comportamento humano e institucional, além de, mesmo ser intencional, pautar a mídia nacional. Não há uma ruptura entre as agências de notícia e o *Agenda-Setting*, e sim um link, de que assim como a mídia influi sobre o que a população deve pensar, assim também a mídia internacional age perante a nacional.

Resultado e Discussões

O desempenho da pesquisa e sua aplicação

O presente artigo tem como principal objetivo perceber como os meios de comunicação brasileiros expõem os refugiados nos telejornais diários e entender se as notícias providas das agências tem influência na pauta nacional. Para isso, a pesquisa constituiu-se de um levantamento de informações de base teórica, como análise bibliográfica, posteriormente vinculada a uma análise de conteúdo que objetivasse dar subsídios para entender os resultados da investigação proposta.

Nuno Goulart Brandão (2005), afirma que é importante considerar a televisão como uma das instituições que domina a vida pública, veículo que imprime uma percepção do mundo em que vivemos, através da construção de uma teia de significados e de sentidos sobre diversas esferas sociais. Portanto, para entender como o refugiado é representado na mídia brasileira verificou-se nos meses de maio, junho, julho, agosto e setembro de 2015 os noticiários do Jornal Nacional, da Rede Globo, e do Jornal da Record, da Rede Record. A escolha desses telejornais se deve à expressiva audiência nos horários em que vão ao ar, comparado a outras duas emissoras de grande porte, SBT e Band. A amostra consistiu na observação de 131 dias na íntegra dos telejornais, entre segunda e sexta-feira. Em uma análise primária foram contabilizadas 61 matérias em que, de alguma forma, mencionavam a palavra “imigração”, excluindo-se temas como esporte (jogadores imigrantes, técnicos de outra nacionalidade, visita de atletas ao país), assuntos religiosos (como notas sobre o Papa Francisco em repúdio à ataques terroristas), e turismo (visita ao país). Verificou-se, porém, a pouca utilização do termo “refugiado”, apesar da quantidade de matérias sobre migrantes. Dentre as 61 notícias, somente nove delas abordavam o refúgio como temática.

Optou-se por avaliar as notícias que falavam sobre imigração (e não somente refugiados), para entender se entre elas também haveria a utilização da terminologia equivocada, ou seja, se os jornalistas teriam o cuidado de usar a nomenclatura correta, informando aos telespectadores que o refúgio e a imigração, mesmo que próximos, são assuntos distintos e merecem destaque de forma equivalente.

No Jornal da Record foram contabilizadas 21 matérias com o tema imigração e apenas uma referente a refugiados. No Jornal Nacional foram exibidas 31 matérias sobre imigração, sendo oito sobre refugiados, totalizando 39 peças. No mês de maio houve a maior concentração de matérias, com 18 reportagens, 10 delas de âmbito nacional. Em junho contabilizou-se 12 matérias, desse total apenas três eram referentes a temas nacionais. Já em julho há uma queda brusca, com apenas 5 notícias, uma de âmbito nacional. Das 15 notícias que saíram em agosto, só duas são de âmbito nacional. Por fim, em setembro temos maioritariamente matérias de interesse internacional, num total de 11 peças.

Os refugiados

A era da globalização apresenta um mapa-múndi completamente modificado, se comparado a séculos anteriores. A alteração de situações cotidianas, as realidades diversas e inusitadas que levam às migrações transformam, inclusive, o que é veiculado na mídia, como pôde-se perceber nos capítulos anteriores. Os imigrantes foram noticiados em 61 peças, dentre 131 dias de telejornais observados. Para tanto, os refugiados que são a temática deste trabalho foram mencionados em apenas nove peças, com algumas ressalvas, e por isso esse tópico é destinado para analisar minuciosamente essa abordagem.

Peça 1 – 14 de maio de 2015

A matéria de âmbito internacional, veiculada no Jornal Nacional, tem como chamada “Tailândia e Malásia se recusam a receber barcos superlotados de refugiados”, com duração de 1’ a 2’59’’ e sendo uma reportagem completa (off + passagem + sonora). Trata-se de contextualizar que desde o começo do ano o JN havia mostrado a situação dramática de imigrantes clandestinos que partem da África para a Europa e tentam atravessar o mar mediterrâneo. Porém, esse é um problema recorrente na Ásia, em que Tailândia e Malásia se recusam a receber barcos superlotados de refugiados. A

nacionalidade dos imigrantes que aparecem na reportagem não é definida, a não ser por serem nomeados como “africanos”, de ambos os gêneros, e não há nenhum tipo de fonte para complementar os dados.

Peça 2 – 15 de junho de 2015

Na segunda peça, de cunho internacional e veiculada também no Jornal Nacional, tem-se como tema a Itália acusando a França de fechar suas fronteiras para os refugiados. O contexto da matéria afirma que na Europa o governo italiano acusou a França de fechar as fronteiras para impedir a entrada de refugiados africanos. Com duração de 1’ a 2’59’’, trata-se de uma nota coberta, em que aparecem imigrantes das seguintes nacionalidades - etíope, eritreus, senegaleses, somalianos e sudaneses, de gênero tanto feminino, quanto masculino, porém também não há utilização de nenhum tipo de fonte compondo a matéria.

Peça 3 – 26 de agosto de 2015

Em agosto foi ao ar uma matéria de até 1’, de âmbito internacional, veiculada no JN, intitulada “Hungria enviará cães e exército para impedir entrada de refugiados”. A nota coberta apresentava os fatos de que a Hungria planejava enviar o Exército, a polícia montada e cães para sua fronteira sul e assim enfrentar um número recorde de imigrantes que chegavam à União Europeia, muitos fugindo da guerra na Síria. Havia a aparição de imigrantes sírios, mas que não foram utilizados como fontes.

Peça 4 – 7 de setembro de 2015

No dia 7 de setembro o Jornal da Record veiculou uma matéria, de cunho internacional, que tinha como chamada “Europa discute como lidar com o grande fluxo de imigrantes”. Em seu contexto, o stand-up de 1’ a 2’59’’, falava sobre a discussão europeia em lidar com o grande fluxo de imigrantes. Alguns países já haviam se comprometido a aceitar mais refugiados; outros se recusaram a participar da divisão. A notícia dizia também que a Alemanha iria destinar 6 bilhões de euros para administrar o grande fluxo de migrantes, e sua chanceler, Angela Merkel, utilizada como fonte, além da Presidenta do Brasil, Dilma Rousseff, afirmou que o fluxo em massa de imigrantes mudaria o país e prometia trabalhar para que estas modificações fossem positivas.

Peça 5 – 14 de setembro de 2015

A quinta peça abordava a temática de que Áustria, Eslováquia e Holanda decidiram implantar novos controles nas fronteiras para conter os imigrantes que

tentavam chegar à Europa ilegalmente e os países do bloco ainda não tinham conseguido aprovar o plano para implantar um sistema de cotas e distribuir os refugiados. A duração da matéria ficou entre os 1' e 2'59'', tinha âmbito internacional, foi ao ar no Jornal Nacional como uma reportagem completa; os imigrantes que apareciam eram sírios, mas não houve utilização de fontes.

Peça 6 – 16 de setembro de 2015

A matéria intitulada “Polícia atira gás lacrimogêneo em refugiados na fronteira da Hungria” relata a crise migratória na Europa, com a correspondente Bianca Rothier, da Globonews, testemunhando a repressão da polícia da Hungria a refugiados que tentavam entrar no país pela fronteira com a Sérvia. Ficaram todos na área de ataque dos jatos d'água e das bombas de gás lacrimogêneo, inclusive a repórter. A reportagem tem de 3' a 4'59'', conta com a aparição de imigrantes sírios, e uma fonte cidadã denominada Ahmad.

Peça 7 – 17 de setembro de 2015

A reportagem que foi ao ar no dia 17 falava que na Europa, de quarta-feira (16) para quinta-feira (17), mais de 11 mil refugiados entraram na Croácia. O país havia se tornado a mais nova rota de imigrantes que tentavam chegar ao norte do continente. Foi mais um dia de caos nas fronteiras europeias. E também de protestos, mas desta vez, pacíficos. Depois dos confrontos de quarta-feira (16) entre a polícia da Hungria e imigrantes, refugiados pediram o fim das barreiras. Em meio a tanto desespero, o mundo conheceu o final feliz de uma família de refugiados. Osama Abdul Mohsen, que levou uma rasteira de uma cinegrafista húngara na semana anterior, ganhou um emprego novo. Ele era treinador de futebol na Síria e conseguiu um emprego para dar aula no Centro de Formação de Técnicos da Espanha, em Madri. A matéria internacional, foi veiculada no Jornal Nacional, com duração de 1' a 2'59'', continha imagens de imigrantes afegãos e fonte cidadã, Osama Abdul Mohsen.

Peça 8 – 29 de setembro de 2015

A oitava peça, veiculada no Jornal Nacional do dia 29 de setembro, âmbito internacional, dizia que “os repórteres Bette Lucchese, Mahomed Saigg e André Maciel estiveram na Jordânia. Eles registraram o dia a dia dos refugiados e descobriram que muitos tinham um sonho: morar no Brasil”. A reportagem que teve duração entre 3' a

4'59'', contextualizava que nos últimos dois anos, o Brasil recebeu mais de 8.500 pessoas que escaparam de guerras pelo mundo. A maioria, sírios. Eram pessoas que estavam no limite. Todos os dias, cerca de mil refugiados sírios procuravam a embaixada da Síria em Amã. Eles tentavam um passaporte e para isso, precisavam juntar as economias, já que tirar o documento por lá tinha um alto custo. Em relação as fontes, havia uma cidadã, Hussaim Bramzi, e uma especialista, Viviane Cardoso dos Reis, diretora da ONG Eu Começo Meus Direitos.

Peça 9 – 29 de setembro de 2015

Também no dia 29 foi ao ar uma segunda matéria com a temática de refugiados, dessa vez dizia que já passava de meio milhão o número de refugiados que chegaram, em 2015, à Europa pelo Mediterrâneo. Trezentos mil a mais do que no ano anterior. Quase três mil pessoas morreram na travessia. A Grécia foi o país que recebeu o maior número de imigrantes: quase 400 mil, seguida pela Itália. Mais da metade eram pessoas que fugiram da guerra civil na Síria. Tratava-se de uma nota simples, com duração de até 1'. Havia a aparição de refugiados sírios, mas sem nenhuma fonte.

Conclusão

Não há como não dar início a essa análise pela quantidade de matérias veiculadas, onde as notícias sobre refugiados tiveram um número relativamente pequeno se comparado ao de imigrantes, sendo 15% contra 85%, mas há ainda maior disparidade em relação ao veículo de comunicação, uma vez que o Jornal da Record teve apenas uma matéria veiculada em cinco meses de telejornal. Já o Jornal Nacional, da Rede Globo, reproduziu 8 matérias.

De forma unânime, todas as matérias veiculadas nos telejornais eram de âmbito internacional, mesmo com a quantidade de refugiados que chegaram ao Brasil no último ano. Isso mostra que o objetivo desta tese, que tinha como questão inicial verificar se, de fato, as notícias internacionais eram veiculadas em maior número e obtinham maior importância frente as nacionais, comprova-se. Mesmo em relação a nomenclatura “imigração”, temos 45 peças de interesse internacional e somente 16 que tratavam de problemas encontrados dentro da nação.

Em relação ao volume, houve um grande vácuo dentre os meses. Em maio, junho e agosto apareceram apenas uma matéria, em julho não foram encontradas

reportagens, e em setembro uma quantidade mais elevada de seis matérias, ou seja, o dobro dos meses anteriores. Ambas tiveram quase uma semana de intervalo, sendo publicadas nos dias 7, 14, 16 e 17, e posteriormente, duas no dia 29.

O tempo de exibição de uma notícia é um indicador bastante afirmativo para verificar a importância que a mesma apresenta perante a comunidade. Quanto maior for o tempo de duração, mais aprofundado o assunto será tratado. Caso seja o contrário, ele será apresentado ao telespectador de forma mais superficial. Portanto, nas nove peças assistidas temos:

A maior parte das notícias (5), teve um tempo de exposição de 1'01'' a 2'59'', ficando entre a média de tempo tida como aceitável para abordar de forma objetiva um assunto. Duas delas obtiveram um tempo de exposição menor do que um minuto, e ambas eram notas simples, ou seja, o apresentador do telejornal fez apenas um comentário sobre o assunto, não aprofundando a notícia. Em contrapartida, também duas delas obtiveram um tempo de exposição de 3'a 4'59'', mostrando de forma mais aprofundada o que estava em pauta.

Em relação as fontes que são utilizadas para compor as matérias, existe um equilíbrio, em que 5 delas utilizam fontes, sendo cidadãos e oficiais, e outras quatro não tiveram nenhum respectivo personagem falando sobre a temática. Porém, é relevante ressaltar que em relação aos personagens que apareceram apenas de forma ilustrativa, houve um descuido ao não comentar de forma clara e concisa a nacionalidade que cada uma pertencia. Isso foi observado principalmente em relação a imigrantes africanos, em que não havia menção do país de origem ou qualquer descrição mais detalhada, como se viu, por exemplo, com nacionalidades europeias.

A escolha dos conceitos que compuseram esse artigo, que é na verdade um recorte da tese de mestrado que leva o mesmo título, foi feita com cuidado para que ambos convergissem para o mesmo propósito e pudessem, de alguma forma, elucidar as componentes que permeiam a vida de um refugiado. Não se trata apenas da questão de sair de um país e ir para outro. Tratam-se das questões psicológicas, econômicas, educacionais, de saúde, política e todos os outros campos que um cidadão comum tem de levar em consideração, mas com as dificuldades de um imigrante que, muitas vezes, chega de forma ilegal ao país.

O propósito desenhado, de verificar como os telejornais brasileiros noticiavam questões sobre refúgio e refugiados, a princípio, parecia algo simples, porém no decorrer dos estudos e da pesquisa aplicada em forma de análise de conteúdo e recolha de dados, fez-se tornar perceptível que outras lacunas deveriam ser preenchidas, uma vez que já em análise prévia tomou-se conhecimento que os telejornais nacionais publicavam uma quantidade bem maior de matérias com foco internacional do que o contrário.

Dessa primeira percepção surgiu a questão seguinte que seria - isso acontece porque não existem repórteres brasileiros nos países estrangeiros? O que acarreta em uma reprodução automática do que as agências internacionais enviam; e chegou-se à conclusão de que sim, é exatamente isso. Como há, por parte do jornalismo brasileiro, uma produção defasada em outros países, para não deixar de noticiar certos acontecimentos, com foco nas migrações, os telejornais simplesmente reproduzem o que lhes é enviado. Porém, a lacuna que permanece ainda é a de - porquê, a mídia nacional, observando a quantidade de pedidos de refúgio que chegam diariamente ao Brasil, não utilizam essas informações para criar matérias sobre essas pessoas? Pensando que poderiam, inclusive, levar mais informação a própria população local, que corre o risco de desconhecer o que acontece na região em que vive.

Parte-se, portanto, para um dos objetivos seguintes, que abordava a hipótese da Agenda-Setting, e com base no referido acima confirma-se também que a mídia internacional pauta a nacional, uma vez que essa hipótese diz que dependendo dos assuntos que venham a ser abordados – agendados – pela mídia, o público termina, a médio e longo prazos, por incluí-los igualmente em suas preocupações. Assim, a agenda da mídia termina por se constituir também na agenda individual e mesmo na agenda social. Logo, o que foi noticiado internacionalmente passou a ser veiculado pelos telejornais brasileiros abrindo-se uma subcategoria de que a mídia “agenda” a própria mídia.

Em suma, acolher os refugiados é uma iniciativa que vai muito além da solidariedade, torna-se um propósito. Ao contrário de outros sistemas de proteção humanitária e de direitos civis que ganharam uma convenção base e um órgão para sua implementação, a categoria de refugiados foi construída de forma gradual e estando

presente no dia a dia pela pura necessidade de proteção. Ela não surgiu de forma inusitada, mas se fez reconhecer diante de um panorama mundial avassalador, em um cenário de guerra que não diferenciava ricos e pobres, brancos e negros, crianças e velhos. Portanto, a conclusão desse estudo é satisfatória no sentido de ser, mesmo que pequeno, um instrumento para debater um assunto tão relevante.

Bibliografia

ACNUR. 2016. *“Perguntas e Respostas”*. Acessado em 13 de junho de 2016. <http://www.acnur.org/t3/portugues/informacao-geral/perguntas-e-respostas/>

Aguiar, Pedro. 2009. *Notas para uma história do jornalismo de agências*. Rio de Janeiro: ECO/URFJ.

Alexandre, Marcos. 2001. *O papel da mídia na difusão das representações sociais*. v. 6, nº 17. Rio de Janeiro: Comum.

Berger, Peter e Luckmann, Thomas. 2002. *A construção social da realidade: tratado de sociologia do conhecimento*. Petrópolis: Vozes.

Barros Filho, Clóvis. 1995. *Ética na comunicação: da informação ao receptor*. São Paulo: Moderna.

Bicudo, Helio. 2001. *Migração e Políticas Públicas*. In: Milesi, Rosita e Shimano, Maria Luiza (orgs). *Migrantes Cidades*. São Paulo: Loyola/IMDH.

Boyd-Barret, Oliver e Rantanen, Terhi. 2002. *News Agencies as News Sources: A Re-Evaluation*. In: Paterson, Chris e Sreberny, Annabelle (orgs). *International News in the 21st Century*. Londres: John Libbey/University of Luton Press.

Brandão, Nuno Goulart. 2005. *Os Telejornais da Televisão Generalista Portuguesa: importantes encontros quotidianos com a actualidade e para a construção social da realidade*. Dissertação de Doutoramento em Sociologia. Lisboa: ISCTE.

Dadalto, Maria Cristina. 2012. *A Representação Social Sobre a Imigração Na Mídia Brasileira – Mapeamento e análise dos discursos comunicacionais*. Acessado em 8 de abril de 2016. <http://www.bocc.ubi.pt/pag/dadalto-maria-representacao-social-sobre-imigracao-na-midia.pdf> Gibney, Matthew. 2009. Precarious residents: migration control, membership and the rights of non-citizens. In: Human Development Research Paper. PNUD. Acessado em 9 de março de 2016. <https://mpr.ub.uni-muenchen.de/19190/>

Lippmann, Walter. 2004. *Public Opinion*. Nova Iorque: Dover Editions

Mattelart, Armand. 1994. *Comunicação-Mundo: história das técnicas e das estratégias*. Petrópolis: Vozes.

McCombs, Maxwell e Shaw, Donald. 1972. *The Agenda-Setting Function of Mass Media*. Vol. 36, p. 176-187. Oxford: Oxford University Press.

Moscovici, Serge. 2001. *Representações Sociais: investigações em psicologia social*. 8ª ed. Petrópolis: Vozes. Thompson, John. 2002. *A mídia e a modernidade - Uma teoria social da mídia*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes.

Neumann, Noelle. 1973. *Return to the Concept of Powerful Mass Media*. In: *Studies of Broadcasting*. vol. 9, p. 67-112.

Paterson, Chris. 2006. *News Agency Dominance in International News on the Internet*. In: Skinner, D., Compton, J. e Gasher, M. (orgs.) *Converging Media, Diverging Politics: A Political Economy of News in the United States and Canada*. Lexington/Rowman and Littlefield, p. 145- 164. 24p.

Reis, Rossana Rocha. 2004. *Soberania, Direitos Humanos e Migrações Internacionais*. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. v. 19, nº 55, p. 149 – 164.

Somavía, Juan. 1976. *La Estructura Transnacional de Poder y la Información Internacional. Elementos para la definición de políticas frente a las agencias, transnacionales de noticias*. In: *Revista Nueva Sociedad*. nº 25.

Suárez-Navaz, L. 2008. *Lo transnacional y su aplicación a los estudios migratorios: algunas consideraciones epistemológicas*. In: Santamaría, E. *Retos epistemológicos de las migraciones transnacionales*. (pp. 55- 78). Barcelona: Anthropos.

Wolf, Mauro. 1999. *Teorias da Comunicação: Mass Media: contextos e paradigmas*. 8ª ed. Lisboa: Editorial Presença.

Wolf, Mauro. 2003. *Teorias da comunicação de massa*. São Paulo: Martins Fontes.